

Redactores:

Evaristo Teixeira Junior
João Pereira da Costa
Antonio Stenzel Filho

CHEFE DA REDACÇÃO:

Guilherme J. da Costa.

AURORA DA SERRA.

Órgão da Sociedade litteraria. == Alma da Serra. ==

Redactores:

Evaristo A. de Castro
Henrique Uflacker
José Lucas Dias

COLLABORADORES:

Diversos.

CRUZ-ALTA, 1 DE MARÇO DE 1885.

Aurora da Serra.**1.º de Março**

Rememoramos hoje os feitos heroicos e grandiosos de um povo; a homenagem prestada a memoria d'esses grandes vultos, que parecem sagrados para manter illesa a honra e a dignidade de uma nação; é um culto a gratidão, um poderoso estímulo, que agindo sobre os sentimentos, não permite que se extingão os estreamecimentos pela patria, que fallando ao coração transforma cada cidadão n'um elemento indestructivel da integridade nacional.

Os feitos gloriosos do passado são a garantia mais segura das acções magnanimas e transcendentes do futuro.

O sublime de um povo se transmite hereditariamente e se perpetua nas gerações de além.

Grandes no passado, gigantes no presente e colossaes no futuro.

Quinze annos são passados, em que depois das mais sangrentas batalhas, de terríveis hecatombes, de provações cruciantes, os ncessos canhões cadenciavam as estrophes do hymno da victoria, annunciando ao mundo inteiro a finalisação da guerra contra o tyranno do Paraguay, a nova da confraternisação americana interrompida pelos caprichos e ferozes instinctos de um governo tyranno e despostico.

Nosso fim, pois, hoje é relembrar esse facto importante e saudarmos com todo enthusiasmo a nossos irmãos pelo laço americano que nos cinge a todos.

Carmela.

Um pobre barqueiro italiano se fazia ao lar-

go, demandando a Grecia.

O mar sustinha em suas ondas toda a fortuna d'aquelle homem; mulher e filha.

Carmela, a filha, tinha dez annos.

Accommettida repentinamente por uma violenta febre, fallece a mulher do barqueiro e dos braços do marido que outr'ora estreitavam-na em ardentes amplexos, ella cahé agora nas profundezas do mar!

Ficára o infeliz barqueiro, imagem do desconforto, mudo, extatico, fitando o mar e o ceo como contrapondo essas duas immensidades a immensidade de sua dor!

Perto d'elle, Carmela, de joelhos, balbuciava uma oração entrecortada por doridos soluços e abundante pranto.

E o barco singrava as ondas demandando a Grecia.

Chegando ao ponto de seu destino, o barqueiro teve de ir a terra.

Carmela, ausente o pae, pisou em terra e deixou-se ir, a tôa, distrahida, caminhando ao acaso.

Voltou o barqueiro e Carmela não estava!

Olhou, ancioso, até onde sua vista alcançava e não viu Carmela.

Afflicto, louco de dor, andou, indagou por toda a parte e Carmela não appareceu.

Exhausto de dor e de fadiga, meneou tristemente a cabeça, soltou as vellas do barco e foi-se...

Entretanto Carmela existia.

Afastando-se da praia, Carmela pôz-se a perseguir umas borboletas que vojavam e perdeu-se em um pequeno bosque.

Um camponez, encontrando-a abandonada e não a comprehendendo, tomou-a pela mão e conduziu-a para sua casa.

Quatro annosahi passou Carmela.

Era moça então.

Se a belleza não é uma mentira, ella ali estava correcta n'aquella Carmela formosa.

Circunstancias imprevistas levaram o camponez á miseria.

Carmela confortava a familia do infeliz e o ajudava no trabalho.

Um dia a miseria tocou ao extremo.

Pela primeira vez a immaculada belleza de Carmela foi notada pelo camponez.

A fome deve ser má conselheira.

Carmela não era filha, mas uma intrusa seductora.

O camponez polia vendel-a a quem mais desse.

Um casten comprou-a !

Comprar á miseria beijos que o coração só devera pagar é uma infamia !

— — —

Carmela seguiu o casten.

O negociante de mulheres delambia-se todo. Apaixonou-se.

A coragem de Carmela guardava-lhe o pudor.

O casten quiz vencel-a—foi vencido ! Investiu furioso, ia matal-a talvez... mas cogitou nos seus negocios e estacou. Havia feito boa compra e esperava conseguir optima venda.

— — —

Estavam em Constantinopla.

Carmela era escrava do senhor do harem.

O sultão viu-a ; impressionou-se.

Carmela era a mais bella de suas odaliscas. Amou-a talvez....

Pouco depois Carmela recebeu um riquissimo collar.

Era o sultão que lh'o offerecia.

Presentes sobre presentes e Carmela accumulou joias de subido preço.

O sultão a perseguia. Podia fazer d'ella sua favorita, mas caprichava em conquistal-a.

Carmela ja estava quasi a perder-se nos braços do sultão.

Restava-lhe um só recurso :—fugir !

E ja ella antevia o barco de seu pae, levando-a a patria estremecida.

— — —

Um dia Carmela reuniu as joias todas.

Pela madrugada sahiu pé ante pé, de seus aposentos.

Todas as sahidas do harem estavam guardadas por creados do sultão.

Carmela não desanimou.

As joias, passando as mãos dos guardas, iam abrindo caminho.

O ultimo guarda foi exigente. Alem da joia queria.... um beijo.

Carmela vacillou. Estava quasi livre ; o peito offegava com anciedade ; o mar apparecia banhado dos primeiros clarões do dia. Começava o bulicio na cidade.

Apenas um beijo detinha Carmela.

De repente ella ouviu bulha, olhou anciosa, offereceu a face ao guarda e correu na direcção do Bosphoro.

Sem saber porque, atirou-se á agua e nada para o largo valentemente.

Um barco crusava á pouca distancia.

Immensa onda ergueu Carmela em seu dorso e ella avistou o barco.

Soltou um grito de dor e de esperanza.

As forças ja lhe iam faltando.

O homem do barco ouviu, olhou em derredor e avistou Carmela.

Aproou o barco em direcção a ella e atirou-lhe um cabo.

Carmela tomou a corda entre as mãos e d'ahi a instantes estava no tombadilho.

—Carmela !

—Meu pae !

E longo tempo abraçados e commovidos ali estiveram.

Não bastavam abraços, o barqueiro ia beijar a filha.

—Oh ! não beije d'esse lado, disse Carmela,ahi deve estar a unica macula da minha vida—o beijo d'um turco !

—Pois os osculos de teu pae te lavarão da macula—replicou o barqueiro, radiante de alegria.

.

E o barco singrava demandando a Italia.

Evaristo T. Junior.

Ao cahir do azul.

Chega a noite, foge o dia ;

Date a chuva nos telhados

Ao zunir da ventania ;

E alem, distante, no prado,

Vê-se apenas somnolento

Pastar monótono o gado.

Em tudo reina a tristeza,

Parce que tudo geme ;

Não ha quem governe o lema
Nas furias da natureza!

Não canta um só passariuho...
Nem do tropeiro na estrada
Se ouvo a voz terna, cansada,
Que se infi tra pelos campos;
Não tem uma estrella o céu,
A noite é sem perylâmpos

E' esta a hora em que a gente
De tudo sente saudade,
De tudo suspira e chora...

Como aos sons da tempestade
E' triste a vida a esta hora!

Stenzel.

Acta da trigesima primeira sessão do Club Aurora da Serra.

Aos 30 dias do mez de Janeiro de 1885 na sala das sessões do Club Aurora da Serra, presentes os socios: Nolasco, Castro, João Costa, Dezouart, Julio Roza, Augusto Martins, Abelardo Campos, H. Uflacker e João Azevedo, foi pelo sr. Presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior. Tendo ficado com a palavra para esta sessão o socio Castro, pediu desculpa a casa, de não poder desenvolver a these que pretendia; porem descoirreu largamente sobre a utilidade e o fim do Club, demonstrando os salutaes effeitos das sociedades litterarias—guardas avancadas, de todos os progressos do porvir e bem estar do presente.

Pediu a palavra em seguida o socio Abelardo de Campos, e fez sentir, em eloquentes phrasas, a necessidades de dar todo o impulso, invidando a sociedade seus exforços, em prol do nosso pequeno theatro, fazendo ver a influencia do theatro na sociedade.

O socio João Costa, pediu desculpa de não poder desenvolver como pretendia sua theze nesta sessão, por falta de preparação conveniente para tomar a palavra sobre qualquer ponto conveniente. Pelo sr. presidente foram nomeadas as seguintes commissões: para rever e examinar as contas da directoria transacta os socios, Uflacker e João Azevedo, para directores do theatro, e dos dramas que tem de ir a scena,

para o primeiro o socio Dezouart e para o segundo o socio Abelardo.

O socio Castro, pedindo a palavra recitou uma linda poesia.

Nada mais havendo a tractar foi pelo sr. presidente enserrada a sessão, do que para constar lavrei a presente acta que vai por mim assignada com o sr. presidente.

O presidente
Pedro Nolasco Pereira.

O 1.º secretario
João Pereira da Costa.

Industria agricola.

III

Escrevendo a serie de artigos sob a presente epigraphie, é nosso intento orientar a classe agricola desta região, no caminho que deve trilhar, para sahir do estado de aniquilação em que se acha, certos de que discutindo esta importante questão, patrocinamos uma causa util e digna de estudo; e como é esta uma questão que deve principalmente interessa a classe industrial, por isso mesmo usamos, no desenvolvimento della, de uma linguagem chã e adaptada ao assumpto.

E' innegavel que a nossa industria agricola ainda se acha recuada a um estado semibarbaro; porque nem ella está ainda dotada de leis agrarias sabias, nem ha ainda institutos nacionaes do ensino profissional criados nas provincias, de onde possam sahir todos os annos a legonimos capazes de administrar economica e scientificamente os estabelecimentos industriaes prescindir do trabalho escravo, devido a sua má organização.

Muito poucos são os agricultores entre nós, que sabem applicar na cultura e manipulação dos productos naturaes, os aperfeiçoamentos utilizados naquelles paizes onde essa industria tem attingido o maior grão de desenvolvimento.

Podemos provar o que acabamos de afirmar, pondo, por exemplo, em parallelo um pequeno agricultor da Hollanda, Suissa, Allemanha e de outros paizes cultos da Europa, com qualquer dos nossos da grande propriedade, que possuem dezenas e centenas de escravos em

pregados nos seus estabelecimentos de agricultura.

Naquelles paizes, o agricultor que é proprietario de alguns hectares de terra de cultura e que effectivamente os cultiva, que tambem possue uma dezena de vacas em estabulo e apascenta algumas dezenas de ovelhas, é realmente mais abastado e mais rico do que o nosso grande fazendeiro proprietario de engenhos e de escravatura, ou do que o nosso estancieiro com rodeios de mais de mil rezes!

Parece incrível, mas é a realidade; e para convencer-mos disto, basta ponderarmos os progressos que diariamente se operam nas industrias daquelles paizes; basta sabermos que lá, o ensino primario é obrigatorio; que todos os agricultores têm jornaes e livros que tratam da materia de sua profissão, cujos agricultores constituem uma classe respeitavel e importantissima.

La ninguém pode ser feitor de uma fazenda industrial sem possuir os conhecimentos theoreticos e praticos dos principios de agronomia, veterinaria, geometria, e de mais outras sciencias accessorias; ao passo que aqui entre nós, muitas vezes, nem se indaga da idoneidade do pretendente á uma capatazia.

Se pesquisarmos porem, qual é a principal causa do atrazo e abatimento da nossa industria agricola, havemos de encontral-a na nefanda instituição servil; sim, nessa instituição, porque o trabalho do homem escravizado, applicado na agricultura, é a negação da economia e da ordem.

O escravo é naturalmente bruto, indolente, e muitas vezes perverso, devido tudo isto á sua triste condição; é o homem subjugado e humilhado, e que por se ver espoliado de sua preciosa liberdade pelo poderoso homem branco, vota á este um odio entranhado, visto que, em seu obscuro entendimento, o considera como o seu algoz e o usurpador dos seus direitos de homem livre; mas o rancor inveterado que elle vota ao seu senhor é occulto e dissimulado, e por essa mesma razão, mais temivel; se trabalha machinalmente, é porque é estimulado pelo latégo do seu oppressor, e por isso mesmo é elle, como agente de trabalho, o que pode haver de mais pessimo e prejudicial.

O escravo raciocinando, monologa, em dialecto que lhe é peculiar, mais ou menos o seguinte: que tanto importa trabalhar como um inouro, como ser remisso, a recompensa será sempre a ingratição e o vilipendio; que se im-

plorar a sua liberdade em remuneração aos seus serviços prestados com dedicação, fidelidade e obediencia passiva de muitos annos, lhe será ella negada, mesmo com o onus de prestação de serviços por mais algum tempo, e ainda por cima será insultado por ter tido o arrojo de pensar em se libertar. Sem ter, em dinheiro, a quantia que o seu senhor arbitrariamente exigir; que se por fatalidade cometer a menor falta no cumprimento dos seus deveres, ou de ordens caprichosas que lhe forem transmitidas, será barbaramente castigado; e finalmente conclue que o seu senhor é um tyranno, é o seu maior inimigo, porque na terra dos seus pais foi elle tão livre como o é aqui o homem branco, este que o roubou, quando pequeno, do patrio poder.

Eis ahí pallidamente descriptas as consequências da escravidão da raça negra no nosso paiz.

Como pode pois pro perar a nossa lavoura com semelhantes agentes de trabalho? É humanamente impossivel; ella ha de se conservar estacionaria, abatida e desacreditada, emquanto persistir esse elemento anti-social.

Dahi conclue se, que a salvação e prosperidade futura da nossa lavoura, exigem imperiosamente a extincção desse elemento no nosso paiz; mas, com isto não queremos dizer que a extincção seja immediata, o que poderia ocasionar a desorganização repentina no trabalho das industrias; mas sim, a extincção gradual, de modo que essa instituição iniqua e condemnada vá desaparecendo de pouco á pouco, proporcionando o tempo necessario para a nova organização do trabalho livre, o que se conseguiria por meio de contractos de locação de serviços celebrados com esses mesmos libertos, e igualmente com os nacionaes e immigrants estrangeiros, cujos contractos deverão ser revestidos de solemnidades legais, e cercados de garantias que acautelem os interesses, tanto do locatario, como do locador.

Os proprietarios das grandes fazendas agricolas, não podem, na verdade, de um só jacto, abrir mãos dos seus trabalhadores escravos; mas, se elles os forem libertando com a clausula de prestação de serviços pelo espaço de uns tantos annos, resultaria dahi a dupla vantagem de que, nem ficaria desorganizado o trabalho de suas industrias, e de que nem se viria atirado á vagabundagem um numero avultado desses libertos, ficando, de mais a mais, tu-

do preparado para o encaminhamento da introdução do trabalho livre, isto é, para se effectuar a transição do trabalho servil para o trabalho livre, sem se aventurar a sorte da lavoura.

Todavia, é preciso que se garanta a esses libertos um bom estar futuro que disponha-os, não só a bem cumprir o onus que lhes for imposto, como também para depois poderem ser uteis a grande lavoura, como pequenos agricultores; e o meio mais seguro para a consecução de tal fim é, segundo a nossa opinião, a localisação delles por meio da propriedade territorial, transformando-os destarte em futuros colonos, e fazendo-os desde logo participar nos lucros da produção, devendo elles, após a terminação do onus de prestação de seus serviços, entrar na posse legítima do lote de terras que lhes for destinado, onde deverão se estabelecer como trabalhadores livres.

Esse lote de terras pode ser-lhes cedido, ou por título de transmissão com a cláusula de amortização annual, ou por aforamento perpetuo, ou mesmo por uso e fructo irrevogável ou condicional.

Destarte, os fazendeiros não só teriam o prazer de ver os seus ex-escravos transformados em dedicados amigos, como também em excellentes auxiliares dos seus estabelecimentos industriaes.

Eis ali o meio de se conseguir a transformação do ente mais infimo da especie humana, em um cidadão util para si e para a commumidade social.

Demais, seria muito equitativa a medida que viemos de aconsellar considerando que o escravo libertado condicionalmente, indemnisa sufficientemente o seu valor com os serviços que ainda teria de prestar por algum tempo, mormente na actualidade, em que o seu preço venal se acha decahido e continua a decahir de dia, a dia, em consequência da propaganda abolicionista disseminada por todo o paiz, da decretação de alforrias por indemnisação a insignificantes preços, das taxas elevadas, da localisação provincial, e de outros motivos mais.

Entretanto parece incrível que haja quem pretenda ainda no ultimo quartel deste seculo, das luzes, perpetuar tão nefanda instituição, antepondo barreiras à emancipação gradual da escravatura, e trancando com este procedimento retrogrado, as portas do progresso agrícola e industrial do nosso paiz, progresso que só será possível depois que tivermos conseguido reorga-

nizar moral e economicamente o trabalho.

Portanto, o caminho que nos cumpre presentemente trilhar, como cidadãos patriotas, para conseguirmos a prosperidade e progresso futuro de nosso paiz, é trabalharmos todos unidos como um só homem e sem treguas, para expurgar o nosso paiz da escravidão, desse aleijão moral.

O Governo e o Parlamento também têm dever de dotar o paiz, sem perda de tempo, com leis adequadas à extincção do elemento servil, com leis liberaes que ao mesmo tempo protejam e soccorram as industrias nacionaes, e com especialidade a agrícola.

Fevereiro de 1885.

H. Uflacker.

Abolicionismo.

Está prestes a raiar o sol revificador da liberdade no municipio da Cruz-Alta.

Aproxima-se um periodo de luz e de progresso. A nodosa vil e infamante da escravidão, em breve desaparecerá deste bello municipio.

Assim o esperamos, porque, o patriotismo e o amor a liberdade deste povo, não pode ser posta em duvida. 608 liberdades estão concedidas; restão somente 129 escravos no municipio; da generosidade dos senhores esperão esses infelizes, o que mais podem ambicionar sobre a terra: — a liberdade.

Concedei-lha, cidadãos! É um appello que fazemos, em nome d'essa classe infeliz, aos vossos sentimentos caridosos.

Concedei a liberdade a vossos escravos, porque tereis o eterno reconhecimento d'esses infelizes; a sociedade applaudirá vosso acto, e a humanidade bemdirá vosso nome.

Cidadãos, se tendes um coração que pulse em vosso peito, escutai a voz da razão, da justiça e da caridade; libertai vossos escravos, contribui para a felicidade da patria, vinde inscrever vossos nomes entre os bemfeitores da humanidade.

Cidadãos que ainda possuis escravos, vede que a ideia da abolição é vencedora, e que naturalmente se impõe a todos, estaes em diminuta minoria, e não deveis por mais tempo, conservar vosso semelhante curvado jugo vil e infamante da escravidão.

Evaristo A. de Castro.

A seu presado amigo Guilherme Joaquim da Costa, redactor do «Monitor Serrano».

OFFERECE O AUTOR, ESTE MEDIOCRE FRUCTO
DE SUA INTELLIGENCIA INULTA.

A nova era.

(Continuação).

Em 1831, época a que já me referi anteriormente, fôra promulgada a lei de 7 de Novembro, que prohibia, de direito, porque de facto não o prohibiu,—o trafico da miseranda raça africana. Para corroborar a minha asserção tenho a palavra autorizada do festejado escriptor Dr. Joaquim Nabuco, que assim se expressa em sua obra, «O abolicionismo», paginas 94, linhas nove:

«Por ultimo a lei de 7 de Novembro de 1831 está até hoje sem execução e os mesmos que ella declarou livres acham-se ainda em captividade».

Os fructos da arvore humanitaria da redempção, eram pêcos, não secundavam, feneciam á mingua dos raios vivificantes do sol da liberdade que naquelles tempos ainda não preponderavam sobre o espirito publico, de modo vantajoso para a causa do abolicionismo.

A attitudo anti-diplomatica, se me é permittida assim qualificar-a, assumida pelo Brasil, perante a Inglaterra, nos ultimos annos que precederam o de 1845, deu ao Brasil, os resultados ignominiosos que ides ver, meu leitor; para esse effeito compulsemos o folheto do notavel escriptor—abolicionista, aquem ultimamente referi-me no correr d'este artigo, affirm de ouvirmos a sua opinião, alias competente; na pagina 90, linhas 18, diz o doutor Nabuco; » De 1831 até 1850 o Governo Brasileiro achou-se com effeito empenhado com o Ingles n'uma luta diplomatica do mais triste caracter para nós, por não poder executar os seus tractados e as suas leis. Em vez de práticamente entender-se com a Inglaterra, como n'esse tempo haviam feito quasi todas as potencias da Europa e da America para a completa destruição da pirataria que infestava os seus portos e costas; em vez de acceitar agradecido o concurso do estrangeiro para resgatar a sua propria bandeira do poder dos piratas, o governo deixou-se aterrar e reduzir á impotencia por estes. A Inglaterra esperou até 1850 que o Brazil en-

trasse em accordo com ella; foi sómente em 1845, quando em falta de Tratado comnosco ella ia perder o fructo de vinte e oito annos de sacrificios, que Lord Aberdeen apresentou o seu Bill. O Bill Aberdeeu, pode se dizer, foi uma afronta ao encontro da qual a escravidão forçou o governo Brasileiro a att. A luta estava travada entre a Inglaterra e o Trafico, e não podia, nem devia acabar, por honra da humanidade recuando ella. Foi isso que os nossos estadistas não pensaram »

Apezar das contravenções havidas durante o longo periodo que decorreu de 1817 a 1850 e mesmo até 1864—a grandiosa idéa do abolicionismo jamais emudecêra no seio de seus fieis adeptos; assim é que em 1871 temos mais a lei do ventre livre que deu nova face á questão do abolicionismo.

Dest'arte marchavam, se bem que mui lentamente as salutaes medidas attinentes á abolição do elemento servil, que não podiam de prompto traduzir-se em realidade pratica, naquellas epochas, attenta á má disposição de espirito d'uma maioria absoluta da nação, no concernente á questão.

(Continua).

Chronica.

E' hoje 1.º de Março anniversario da desastrosa guerra do Paraguay.

Fazem hoje 16 annos que a ampulheta do tempo arremessou para o vacuo eterno do passado essa luta titanica da civilisação contra o obscurantismo; ultimos lampejos de um despoita em quem infelizmente incarnava-se a vida e os interesses de um povo digno de melhor sorte. Francisco Solano Lopes pagou bem caro o seu atrevimento, e o seu orgulho; e o povo paraguayo vio-se livre de um senhor, e de um despoita embora ficasse reduzido ao ultimo extremo. Depois de uma lição d'este quilate, talvez seja um dia mais feliz. Ninguém ganha experiencia a custa d'outros em casos chegados ao seu ultimo extremo:

A subserviencia theologica, é uma educação erronea inculcada em um povo supersticioso por indole, teria indubitavelmente de tornal-o fraco e sem autonomia—assim é que era um autmato ante os acontecimentos que se desenvolviam em seu paiz, e a fatalidade cahia duramente sobre dous povos que muito precisavam

da paz para progredir.

Dando noticia deste facto que assignala uma pagina bastante saliente de nossa historia patria, que fecha um exemplo salutar para nós e para os vindouros—não podemos deixar de collocarmo-nos na posição generosa de quem apenas tratou de reivindicar os seus brilhos tão ignobilmente offendido por um despota e um povo bruto e supersticioso que sem consciencia cavava a sua propria ruína; lastimando ao mesmo tempo nosso atrazo, porque com certeza paralysoi nossos progressos por mais de meio seculo. Dando pois noticia deste acontecimento que em todo o caso é uma grande gloria para a nossa patria, não podemos deixar de saudar com verdadeira effusão de enthusiasmo aos bravos dessa heroica jornada, deixando gravado indelevelmente um protesto de reconhecimento a memoria dos contes de bravos, que a lousa eterna do sepulchro fechou para sempre aureolada nos nomes sempre saudosos dos invictos generaes Osorio, Porto Alegre, Andrade Neves, João Manoel e do valeroso almirante Barão da Passagem, e de muitos outros officiaes destinalissimos que por seus meritos e bravuras, sustentaram com maxima abnegação até o ultimo dia que este povo infeliz depoz as armas, quando não lhe restava mais por arma de combate que miseria e desolação de um extremo a outro. Esta maneira por que se portarão invidando os seus derradeiros recursos, attesta eloquentemente a inconsciencia de um povo sem autonomia e sem a menor idea do mal que fazia a si mesmo, e o orgulho malevolo de um homem que ao menos soube morrer nos campos de batalha.

A vista da agitação que tem produzido nestes ultimos tempos a questão do elemento servil, e do pronunciamento sapsato de grande parte da imprensa, não podemos deixar de amparar com nossas miugadas forças estes nobres principios de liberdade, para onde estão voltadas todas as vistas d'uma pujante maioria da nação; por isso ligeiramente fazemos algumas considerações, convencidos desta maxima popular: a goa molle em pedra dura tanto bate até que fura:—A escravidão é negavelmente uma das maiores causas de nosso abatimento moral, não ha mais quem ouse duvidar dos tristes resultados que possa acarretar em um paiz que, desde sua infancia, tem a lutar com um inimigo que dia por dia suga-lhe suas melhores seivas; a guiza de um organismo que sofre uma moles-

tia incuravel e fatal, que dia menos dia tem de forçadamente perecer; a escravidão n'um organismo social é quasi a mesmissima cousa, com differença que não mata, a mau grado se esterelisa muitas gerações—mas afinal surge uma que tem irremediavelmente de vencel-a.

E' que a vida do homem por mais longa que seja é ephemera, e quando quer reagir dos erros, é as mais das vezes tarde; a vida das nações é longa, passam os seculos, está sempre moça—a vida de uma serve a de outras, a experiencia toma por fim um caracter, acentua-se e firma.— Com a geração actual nota-se que a experiencia nem sempre é medico tardio. Temos atravessado em nossa vida de colonia e de nação mais de tres seculos e meio de escravidão. Neste periodo o paiz tem tido de sobra tempo para reconhecer que a escravidão tem lhe feito um mal enorme—concorrido para a deterioração de seus costumes, para a diminuição de suas rendas, porque o braço livre tem repugnancia do braço escravo.

E n'um paiz como o nosso onde a immigração é problema decisivo para seu mais rapido progresso, é a escravidão uma muralha anteposta a sua propagação. E no entretanto ha quem ouse e sustente proclamar em altas vozes que é cedo para sua extincção?! E' cedo porque ella tem produzido a fraqueza e uma grande parte do povo que não tem coragem para reagir do mal. O paiz está agitado lutando com suas proprias forças! Qual será a solução? Pode haver bruscos desequilibrios; pode resultar mesmo muitas ruinas apparentes, o resultado por fim será optimo. Como? A experiencia nos aconselha a assim pensar: Firmado em suas tradições, em sua historia e nos grandes recursos encaramo-o a semelhança de uma maquina enorme que experimenta suas forças para caminhar—ora fogo de mais, ora de menos até acertar. Como leme governativo deparamos o parlamento ensaiando a rota natural de seu destino. Forças heterogeneas não podem por então abrir a valvula de sua carreira.

Gastar-se ha muita força, com certeza a força intrinseca permanecerá com o paiz, e dia menos dia alluir-se ha a futura maquina do progresso em nossas plagas; a locomotiva dos surprehendedes adiantamentos sociaes que vem galhardamente em nossa direcção, não pode encontrar obstaculo nesta parte a mais bella do jovem e futuro continente americano, no dizer criterioso do notavel historiador fran-

cez Edgar Quinet.

A terra de Tiradentes e de muitos homens patriotas que tem se martyrizado pela liberdade de seus lares, não pode conservar por mais tempo os ouvidos fechados a estes gritos de sempre avançar, que sabem vivos dos tumulos e encontram echo entusiastico em um povo que representa um dos paizes mais esperançosos do mundo.—Assim não rejeitemos a bandeira do futuro que está em nossas mãos, aureolemos-a com os nossos sacrosantos esforços que será um padrão de gloria para nós e para os nossos posteriores; icemo-a na maior altura q' poderemos; quem não se julgar com força para ajudar alevantá-la que se abata... mas que não se torne um reprobo de lesa-patriotismo—combatendo-a!

Não houve sessões do Club Aurora da Serra no dia 15 do mez passado em razão do máo tempo, havendo no dia 28, e deixamos de relatar o occorrido porque serão transcriptos nas actas, as quaes relatarão tudo que disser respeito a associação.

Pedimos desculpa aos assignantes d'esta Revista por não ter sahido como é de praxe no dia 1.º do mez.

Catadupas:—Sobre esta musica de nosso consocio Josino dos Santos Lima, a imprensa tem feito juizos bastantes lisonjeiros pelo que damos os parabens ao nosso amigo.

Falleceu no dia 14 do mez passado apóz longo soffrimento, a Exm.ª Sr.ª D. Joséphina Annes da Silva, filha do sr. Tenente Coronel Manoel Lucas Annes.

A familia da inditosa moça apresentamos nos sós pezaes.

No dia 1.º do corrente também falleceu o innocente filhinho de nosso consocio Tenente Manoel Netto de Mattos. A sua familia enviamos nossas condolencias.

Estamos em mais de meio de nossa chronica, e temos apezar nosso conduzido as amaveis leitoras por um deserto arido de guerra, escravidão e morte... Mas fiquem certas que não nos esquecemos da promessa que fizemos no n.º passado d'esta Revista de relatar alguma coisa mais agradável ao espirito, principalmente as leitoras que naturalmente se interessarão que se falle mais em bailes, festas, flores etc. O

mez que findou, não foi, contudo despido de algumas singeillas diversões.

O carnaval passou frio, é verdade, quando devia ter sido mais caloroso, porque o tempo tem sido até de abombar os magros! e a agoa n'este caso seria um optimo refrigerante. No entanto sempre houve suas bisnagalinhas, a parecerão ainda em campo os tradicionaes limões de cheiro (mas alguns viste!) e o tal copo d'agoa que é de metter medo...

Emfim sempre aquelle ditado antigo em certas occasiões é muito consolador:

Mas valle pouco que nada.

Para o anno esperamos que a rapaziadada se anime mais e a exemplo da capital promova o seu carnavalsinho, como ja houve idéa este anno.

Assistimos também a uma reunião em casa do sr. Carlos Ullacker em regosijo aos annos de sua jovem filha D. Brazilia, a qual esteve animadissima retirando-se os convidados satisfeitos, erão ja mais de 1 hora da noite.

Por fallar em baile vou contar as leitoras um caso, que se deu com um amigo nessa reunião, o qual teve a bondade de contar-me—e que eu indiscretamente relato as amaveis leitoras: disse-me elle, que dançava uma marca com uma jovem, e n'uma roda de moças e senhoras sahirão distinctamente estas palavras: Olhem... fulauo, como está tão terno!—Depois de graciosamente contar-me este epilogo, virase entusiasmado para mim e diz: estas mulheres são mesmo assim: tem ciumes umas das outras!!

Pois quem não hade estar terno dançando ao lado d'uma jovem e bella?! Replicando ainda mais vivamente vossê está de cór com as moças de hoje, enfião qualquer rapaz por mais atilado que seja pelo buraco de uma agulha por mais fina que seja—menos essa respondi eu a comparação é muito phosforica?!

Replicou-me pela 2.ª vez vossê está no mundo da lua!... Para terminar disse vossê é muito exigente para o bello sexo—sem duvida perto dellas não serás tão aspero assim!... Realmente esse amigo é muito sensivel... não chego a indiscripção do nome porque isso então ja era demais... E despeço-me de minhas sympathicas leitoras e leitores na persuasão que fiz todos os possiveis para agradal-os melhor desta vez.

J. C.

C. Alta, 1.º de Março de 85.